

SERVIÇO DE PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL DO CENTRO HOSPITALAR DO PORTO

PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL DO CENTRO HOSPITALAR DO PORTO: UM SERVIÇO DO (PARA O) SÉCULO XXI

Alice Lopes*, Sónia Faria**

INTRODUÇÃO

O Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental do Centro Hospitalar do Porto (CHP) é muito recente, tendo a sua história começado apenas em 2001. A proposta e convite para apresentá-la nesta publicação não podiam deixar de confrontar-nos, antes de tudo, com o facto de sermos um Serviço do século XXI numa estrutura hospitalar que tem uma história que remonta ao fim do século XVIII. Na verdade, é-nos oferecida a oportunidade de nos questionarmos sobre: se seria ou será verdade que somos o primeiro Serviço de Psiquiatria no Hospital de Santo António; que tipo de respostas para os doentes mentais terá tido esta estrutura hospitalar ao longo dos seus 200 anos de existência; e, finalmente, como foram sendo integradas estas respostas, levando em linha de conta os diversos contextos históricos assistenciais.

É com base na resposta possível a estas perguntas que a pesquisa efetuada poderá eventualmente ajudar a esclarecer e a compreender a razão pela qual esta grande unidade hospitalar, em que todas as valências médicas e cirúrgicas se têm desenvolvido com naturalidade, nunca

* Assistente sénior de Psiquiatria, diretora do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental do Centro Hospitalar do Porto desde 2008. Professora convidada do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar nas disciplinas de Psicologia Médica e de Saúde Mental. Psiquiatra de Ligação no Centro Hospitalar do Porto desde 2001, tem vários trabalhos publicados nesta área. Membro da Sociedade Portuguesa de Transplantação, Psicoterapeuta, membro da International Psychoanalytical Association, da Sociedade Portuguesa de Psicanálise e da Sociedade Portuguesa de Psicodrama Psicanalítico de Grupo.

** Museóloga, responsável técnica do Museu do Centro Hospitalar do Porto.

empreendeu, senão muito recentemente (2001, repete-se), a criação de um Serviço dedicado às doenças psiquiátricas. Outra questão se tornou também objeto de indagação: a ligação do Hospital de Santo António ao ensino médico pré-graduado da Escola Médico-Cirúrgica (1836-1910), à Faculdade de Medicina do Porto (1911-1959), no âmbito do ensino da Psiquiatria, e posteriormente, desde 1979, ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

Em face da amplitude e estrutura de trabalho enunciadas, procedemos à recolha e análise de fontes bibliográficas, manuscritas e impressas, com incidência no fundo histórico do Hospital de Santo António, regulamentos gerais, relatórios e boletins institucionais, bem como revistas médicas com incidência na área temática. Sem deixar de considerar que o nosso trabalho seria uma primeira abordagem e reflexão, também não deixamos de pretender abrir novas perspetivas sobre o assunto. Deste modo, abordaremos: uma breve história do Hospital de Santo António e do Centro Hospitalar do Porto e a(s) história(s) da assistência aos doentes psiquiátricos no século XIX, antes e após a abertura do Hospital Conde de Ferreira; depois as ligações à Psiquiatria no século XX; por fim, a criação do Serviço de Psiquiatria no século XXI. Ao longo do texto, irá sendo abordada a ligação do Hospital de Santo António ao ensino pré-graduado, da Psiquiatria em particular.

BREVE HISTÓRIA DO CENTRO HOSPITALAR DO PORTO

O Hospital Geral de Santo António do Porto, central e universitário, foi construído em finais do século XVIII por iniciativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto e recebeu os seus primeiros doentes em 1799. Obra do arquiteto inglês John Carr, em estilo neoclássico, nunca chegou a concluir-se, por dificuldades financeiras, todo o edifício do projeto inicial, ficando reduzido a dois terços o previsto plano arquitetónico. É interessante assinalar que três enfermarias para doentes do foro psiquiátrico são nomeadas nesse projeto inicial para o piso térreo.

Neste edifício de grande valor histórico-arquitetónico, classificado como Monumento Nacional desde 1910, fica instalada uma parte importante do que é hoje um dos mais modernos e bem equipados hospitais do país, de referência na prestação de cuidados de saúde de qualidade. E foi aqui, neste edifício fundamental e constituinte do que é hoje o Centro Hospitalar do Porto (CHP), que o Serviço de Psiquiatria se iniciou e tem uma parte da sua localização.

Como hospital geral, o mais importante na cidade do Porto até à construção, nos finais dos anos 50 do século passado, do Hospital de São João, o Hospital Geral de Santo António foi sofrendo remodelações e ampliações. Tendo sido a sua primeira pedra colocada em 1770, mantém até à atualidade – mais de dois séculos! – a sua atividade assistencial, albergando ao mesmo tempo, durante a maior parte da sua história, o ensino pré-graduado da Medicina e da Cirurgia. Enquanto importante hospital de referência para uma larga área geográfica do país, com responsabilidades na formação de profissionais de saúde, nomeadamente médicos, desde 1825, viveu ao longo dos seus mais de 200 anos de existência as enormes transformações da prática médica, em especial a partir da época do grande desenvolvimento da «Medicina Científica», isto é, a partir do último quartel do século XIX. (Luís de Carvalho, *História do Hospital Geral de Santo António*, 2008.)

Pertencendo desde a sua construção à Santa Casa da Misericórdia do Porto, o Hospital Geral de Santo António foi, em 1968, integrado na rede de hospitais públicos, embora sempre gerido pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, mas com subordinação às regras das carreiras profissionais e da contabilidade pública, passando a ser um dos designados Hospitais Centrais. Em 1976, a nova Constituição da República considerou a saúde um direito, o que veio posteriormente (em 1979) a ser consagrado na criação do Serviço Nacional de Saúde, sendo então o hospital «nacionalizado» e tendo passado a fazer parte da rede assistencial, gerido pelo Ministério da Saúde.

Luís de Carvalho refere que na primeira metade do século XX «a estrutura e organização do HGSA, apesar dos seus quase 150 anos, suportou relativamente bem a evolução social e científico-tecnológica, o que só abona a favor da largueza de perspetivas dos seus fundadores e sucessivos dirigentes» (*História do Hospital Geral de Santo António*, 2008). Já na segunda metade do século XX, após a construção do Hospital de São João e com a saída para aí da Faculdade de Medicina, a continuidade do hospital dependeu da visão de futuro e esforço permanente dos seus dirigentes para que continuasse a ser uma instituição de referência hospitalar na cidade e no país. Desde então, a decisão de ampliar e modernizar as instalações, a institucionalização do ensino pós-graduado com a criação do Internato Médico em 1955, o primeiro no Norte aliás, e finalmente a formação em serviço dos profissionais, em particular médicos, constituíram eixos da reação à ameaça de debilitação que era a existência de outro grande hospital no Porto.



Hospital de Santo António. Fotografia, provavelmente, do início do século XX.

A ampliação e modernização do Hospital Geral de Santo António sofreria, contudo, ao longo destes tempos, sucessivos revezes e obstaculizações, que finalmente foram ultrapassados já nos finais do século xx com a construção do Edifício Luís de Carvalho, inaugurado em 1998. Em 1999, com a instalação aí do Serviço de Urgência, concluiu-se a sua ocupação. No ano 2000, foi iniciada a construção de um novo edifício satélite – o auditório – que, segundo Luís de Carvalho, «ao encerrar a fachada, permitiu, após 200 anos, completar o quadrilátero idealizado por John Carr, numa versão do século xxi» (*História do Hospital Geral de Santo António*, 2008). A modernização e novos modelos de gestão hospitalar prosseguiram, e data de 2007 o Decreto-Lei n.º 326 que criava o Centro Hospitalar do Porto, que reunia numa só estrutura o Hospital Geral de Santo António com o Hospital Central Especializado de Crianças Maria Pia e a Maternidade de Júlio Dinis. Em 2014, foi inaugurada uma nova estrutura situada nos terrenos adjacentes à Maternidade de Júlio Dinis: o Centro Materno-Infantil do Norte, sucessor daqueles dois hospitais, consagrando um antigo projeto do Hospital Geral de Santo António respeitante à assistência pediátrica. E, entretanto, foram também integrados no Centro Hospitalar do Porto o Centro de Genética Médica Doutor Jacinto Magalhães e o Hospital de Doenças Infecciosas Joaquim Urbano, que integraram no CHP novas valências médicas, nomeadamente a Pneumologia e a Infeciologia.

SÉCULO XIX: DO «PORÃO» AO HOSPITAL CONDE DE FERREIRA

A despeito de o projeto de John Carr aludir, como referimos, a espaços para doentes do foro mental, o Hospital Geral de Santo António nunca teve, desde o início, enfermarias dedicadas às doenças psiquiátricas. Todavia, antes da construção do Hospital Conde de Ferreira, doentes do foro mental, graves, foram sendo aceites, obrigando o hospital a uma «adaptação» através da reserva e construção de espaços onde esses doentes pudessem permanecer. É-nos legítimo inferir que, naturalmente,

haveria médicos dedicados ao tratamento desses doentes, embora não tenhamos tido acesso a documentos comprovativos. Também sabemos que os grandes alienistas que viriam fundar o Hospital Conde de Ferreira eram provenientes de Coimbra e Lisboa.

Na primeira metade do século XIX e nomeadamente no Porto, antes da construção do Hospital Conde de Ferreira (ou seja, antes de 1883), eram ainda largamente desconhecidos os tratamentos «reivindicados para os alienados pelos progressos da ciência desde o princípio deste século, e o público na sua generalidade votava a estes infelizes [...] uma indiferença egoísta [...] repugnância e antipathia instinctivas...» (*Relatório da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, 1890-91). E no entanto, por outro lado, contrariando essa incompreensão generalizada, sabe-se também que o Hospital de Santo António recebeu, antes da abertura do Hospital Conde de Ferreira, um legado destinado a «serem recebidos no hospital de Santo António alienados, como realmente aconteceu até à abertura do hospital do Conde Ferreira» (*Relatório da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, 1889-90).

Da leitura dos regulamentos do Hospital de Santo António no século XIX, com datas anteriores à abertura do Hospital Conde de Ferreira (1883), sobre a «Aceitação e entrada de doentes», podemos constatar que os «alienados mentais» não eram aceites, mesmo que fossem pobres, condição suficiente para a admissão de doentes aos hospitais da Santa Casa da Misericórdia. No regulamento datado de 1858 do Hospital Real de Santo António, pode ler-se que «não podem ser aceites os alienados, salvo sendo pacíficos, ou querendo as famílias fazer-lhes algumas applicações nas Enfermarias Particulares. Se eles se tornarem furiosos, ficarão desde logo sujeitos às regras ordinárias». Nesse mesmo regulamento, lê-se que os alienados, recolhidos por obediência às autoridades, devem ter «destino» com a maior brevidade, «na certeza de que não lhe dando destino elle se lançará fora do Hospital».





Esse destino era o envio destes doentes para Lisboa, onde eram admitidos no Hospital de São José e posteriormente em Rilhafoles, primeiro hospital psiquiátrico português, construído naquela cidade 30 anos antes de o Hospital Conde de Ferreira ter iniciado a sua atividade no Porto. No entanto, as dificuldades existentes nessa «transferência» faziam com que alguns doentes, em número que não pudemos especificar, acabassem por permanecer durante longo tempo no Hospital de Santo António, onde acabavam as suas vidas. O medo que os alienados pudessem causar «perigo, medo ou desassossego aos outros doentes do hospital» é ainda bem expresso no Regulamento de 1893 do Hospital de Santo António.

Desde finais do século XVIII, o Hospital de Santo António recebia alienados, sem quaisquer formalidades legais, que eram internados num espaço impróprio e diminuto (Ana Leonor Pereira, *A Institucionalização da Loucura em Portugal*). No *Relatório* de 1839 da Santa Casa da Misericórdia do Porto, no capítulo dedicado a «Obras», é referido que «no Hospital de Santo António não havião casas próprias para se receberem alienados, que frequentemente vão alli, ou quando por moléstias agudas passam a tal estado, ou quando por paga, ou misericórdia, se recolhem alguns enfermos, a fim de temporariamente serem tratados, ensaiando-se alguns remédios até conhecer se podem adquirir saúde, ou se precisarão ser enviados para o Hospital S. José em Lisboa. Para o uso mencionado se fizeram seis quartos no Hospital, em o local que antes servia para os partos, por parecer o mais idóneo...». Outros espaços terão vindo acrescentar ou substituir estes primeiros referidos, até à altura da abertura do Hospital Conde de Ferreira.

No *Relatório da Santa Casa da Misericórdia do Porto* de 1873-74, a propósito da «Arrecadação-Cosinha para as empregadas e alojamento provisório para alienados», regista-se que no «espaço compreendido entre a aludida cosinha e a arrecadação, dividido por uma taipa em duas peças iguaes, se estabeleceu aposentos para alienados de ambos os

sexos [...] os novos quartos interiores para alienados de ambos os sexos, que isolados como ficam de todas as enfermarias, em nada incommodam os outros doentes». E no *Relatório* de 1879-80, da Santa Casa da Misericórdia, a propósito da questão económica levantada pela exigência feita pelo Hospital de São José a esta instituição, de pagamento pelos doentes enviados do Hospital de Santo António, é explicitada, mais uma vez, a prática de não serem recebidos doentes alienados no Hospital de Santo António «por não haver acomodações para eles e ter apenas, como ainda hoje tem, umas chamadas enxovias [...] mas sim somente recebia os que vinham acompanhados de officios das autoridades administrativas de todo o districto e mesmo de outros...». Também neste relatório se admitem as condições sub-humanas em que esses pacientes são mantidos, «naquele local insalubre onde os temos, por não poder dar-lhe outro». Infelizes que os responsáveis da Santa Casa admitiam agonizarem a sua sorte até que o «marasmo lhes pusesse termo à sua existência».

António Maria de Sena, primeiro diretor do Hospital Conde de Ferreira do Porto, segundo hospital construído em Portugal dedicado exclusivamente ao tratamento de doentes psiquiátricos, descreve esse espaço: «as duas enfermarias destinadas aos dois sexos estavam instaladas no subsolo do edifício – o porão como lá lhe chamavam –, dois sótãos que nunca foram destinados para habitação de doentes. Em ambos havia cubículos de ripa, pintados de branco, verdadeiros representantes dos quartos de palha em Rilhafoles! Era a escola nacional a propagar-se. E de facto eram destinados a guardar os doentes inquietos e imundos e imundos estavam eles todos pelo abandono desumano em que viviam: uma pouca de palha sobre o sobrado, uma manta velha quando muito e assim ficava completa a mobília confortável das bestiais criaturas que lá metiam. E aqui não há necessidade de consultar documentos: vi em pessoa esses quadros tais quais os descrevo» (1884).

Ana Leonor Pereira ressalva, no artigo já citado, os «impressionantes quadros que Senna nos legou» e como neles encontramos motivos para refletir sobre o *estatuto do louco* no imaginário médico do Hospital de Santo António e também no imaginário social. A admissão destes doentes parece, pois, ter sido sempre problemática e causa de uma «má consciência» entre o dever humanitário de os receber (bem como o dever para cumprir o que tinha sido aceite ao aceitar o legado do benfeitor Sousa Lobo) e o medo e o preconceito na sua aceitação. Desde a proposta inicial de seis quartos até à sua remoção para o «porão», parece que a sorte dos alienados no Hospital de Santo António foi sempre declinando e cada vez mais se foram tornando desumanas as condições em que estes doentes aqui permaneciam.

No dia 24 do mês de março de 1883, teve lugar a abertura do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, «ficando já em curativo n'esse dia 20 doentes». Desses 20 doentes iniciais, 18 tinham sido transferidos do «porão» do Hospital de Santo António por determinação da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto (*Relatório Senna, 1883-1885*).

A história da assistência psiquiátrica no Hospital Santo António durante o século XIX reflete a tragédia dos doentes alienados até à construção dos primeiros hospitais psiquiátricos. No entanto, é neste século que passos importantes foram dados para o reconhecimento da alienação como doença, para o seu estudo e tratamento.



O delírio de negações,
da autoria do Prof. João Barreira.

A PSIQUIATRIA NO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO DEPOIS DA CRIAÇÃO DO HOSPITAL CONDE DE FERREIRA

Sendo as duas instituições pertencentes à Santa Casa da Misericórdia do Porto, este facto permitiu-nos fazer alguma pesquisa, necessariamente limitada, sobre relatos constantes nos relatórios daquela instituição relacionados com a prática assistencial a doentes psiquiátricos no Hospital de Santo António.

No Relatório de 1886-87, é apresentado um «Mapa Geral do movimento assistencial das enfermarias do Hospital e Cadeia», constando no capítulo de «Doenças do systema nervoso» 11 doentes (nove homens e duas mulheres) com o diagnóstico de «Alienação Mental»; destes estavam «Curados-0», «Melhorados, 1 homem» e «No mesmo estado, 8 homens e 2 mulheres». Com diagnóstico de «Hysteria», tinham sido assistidas 14 mulheres, sendo os resultados em três, «Curadas», nove foram consideradas «Melhoradas» e duas foram consideradas «No mesmo estado». Não pudemos concluir até quando os doentes alienados continuaram a ser assistidos no Hospital de Santo António.

Num outro relatório do final do século XIX, estão patentes dificuldades na transferência de doentes mentais do Hospital de Santo António para o Hospital Conde de Ferreira, por este ter ultrapassado a sua lotação e ter dificuldade em ter vagas para acolher esses pacientes. É razoável supor que, com a progressiva diferenciação no Hospital de Santo António das várias especialidades médicas e cirúrgicas, bem como o desenvolvimento do Hospital Conde de Ferreira na assistência aos doentes mentais, estas finalidades assistenciais ficassem cada vez mais separadas.

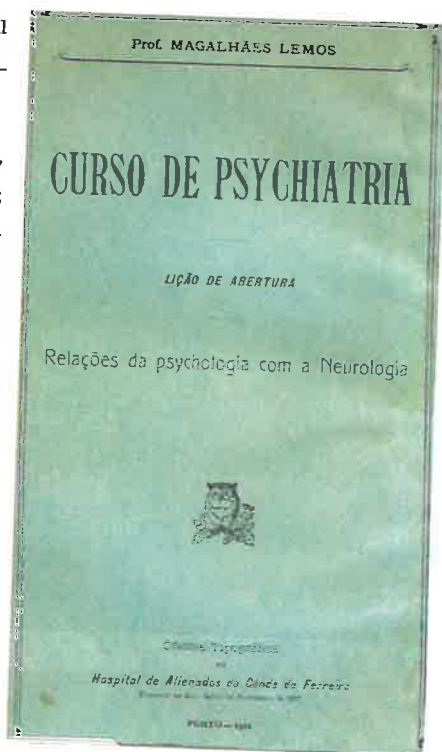
A especialidade de Neuropsiquiatria vinha sendo praticada no Hospital Conde de Ferreira, onde relevantes nomes da Psiquiatria exerciam e estabeleciam também importantes conexões ao ensino pré-graduado da Faculdade de Medicina do Porto (1911-1959), ligada ao Hospital de Santo António.

Em 1911, Magalhães Lemos proferiu a lição de abertura da cadeira de Neuropsiquiatria na Faculdade de Medicina.

Já na primeira metade do século XX, pudemos encontrar algumas referências que nos indiciam que continuavam a ser feitos tratamentos psiquiátricos no Hospital de Santo António, embora continue a não haver referência ao desenvolvimento da especialidade no hospital.

Corino de Andrade, um dos mais eminentes neurologistas portugueses, que fundou no Hospital de Santo António o Serviço de Neurologia nos finais dos anos 40 e depois o Departamento no qual se diferenciaram especialidades como Neurocirurgia, Neuropatologia, Neuroradiologia e Neurofisiologia, teve ainda consigo um psiquiatra, Castro Alves. Provavelmente, o grande desenvolvimento que a Psiquiatria como especialidade autónoma teve naqueles anos, assim como a relevância do Hospital Conde de Ferreira como grande hospital psiquiátrico do Porto, terá impedido, mais uma vez, o desenvolvimento da especialidade no Hospital de Santo António.

Entretanto, é interessante verificar que, em relatórios da Santa Casa da Misericórdia do Porto dos anos de 1946 e 1948, é tratada a questão dos preços dos tratamentos por eletrochoque praticados no Hospital de Santo António e no Hospital Conde de Ferreira. Num relatório do Hospital de Santo António sobre tratamentos efetuados, contabilizam-se 456 «aplicações elétricas». Corresponderão estas aplicações a tratamentos



A obra *Curso de Psychiatria*, da autoria do Prof. Magalhães Lemos, impresso nas instalações do Hospital Conde de Ferreira.



de eletroconvulsivoterapia? Poderemos concluir que doentes com patologia mental em que o eletrochoque era preconizado continuavam aí a ser assistidos?

Constatamos também que, ao longo destes anos, vários contributos científicos foram sendo feitos por psiquiatras do Hospital Conde de Ferreira no Boletim dos Hospitais da Santa Casa da Misericórdia e também colaboraram em «Palestras Médicas no Hospital Geral de Santo António». Salientamos Alberto Brochado, subdiretor clínico do Hospital Conde de Ferreira e assistente de Psiquiatria da Faculdade de Medicina. Participou com artigos da área da Psiquiatria nos Boletins de Tisiologia e, em 1940, apresentou nas palestras já referidas «Os novos horizontes da cura por choque hipoglicémico – O método de Sakel no tratamento da esquizofrenia».

Até 1986, um psiquiatra, César Pereira, fez parte do corpo redatorial do Boletim do Hospital de Santo António.





Em 1952, temos notícia da realização, no Hospital de Santo António, das «Primeiras Jornadas de Higiene Mental», nas quais participaram psiquiatras do Hospital Conde de Ferreira e neurologistas do Hospital de Santo António.

Estes poucos factos que coligimos não devem seguramente esgotar todos os acontecimentos que demonstram a existência de uma ligação, se não assistencial, pelo menos de interesse no âmbito científico, que os médicos do Hospital de Santo António foram tendo em relação à Psiquiatria.

LIGAÇÕES À PSIQUIATRIA NO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO APÓS 1974

Em 1974, na cidade do Porto existiam três grandes instituições com vocação para o tratamento de doentes do foro mental: o Hospital Conde de Ferreira (1883), o Serviço de Psiquiatria do Hospital de São João (1963) e o Hospital de Magalhães Lemos (1962). Estas instituições assistiam os

doentes de áreas de referência específicas, cobrindo as necessidades não só dos doentes da área do Grande Porto, mas também de outras zonas do país, a descoberto desse tipo assistência. O Hospital de Magalhães Lemos e o Hospital de Santo António partilhavam, tal como hoje, algumas áreas assistenciais, nomeadamente as freguesias do Porto Ocidental, hoje o Agrupamento de Centros de Saúde do Porto Ocidental.

No Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, o ensino da Psiquiatria era da responsabilidade de Eurico de Figueiredo, psiquiatra vindo do exílio na Suíça e que viria a ser integrado nos quadros do Hospital de Magalhães Lemos em 1980. José Barrias, psiquiatra daquele hospital e que mais tarde viria a fundar o Centro de Alcoologia do Norte, integrou com ele e com outros psiquiatras daquele hospital o Departamento das Ciências do Comportamento daquele instituto.

Deste modo, novas ligações institucionais eram estabelecidas, e o Hospital Conde de Ferreira e os seus quadros, que, entretanto, também se tinham ligado academicamente quer ao Hospital de São João quer à Faculdade de Psicologia do Porto, eram substituídos no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, a nova escola de Medicina ligada ao Hospital de Santo António, pelos quadros do Hospital de Magalhães Lemos.

Os novos *curricula* das especialidades de Psiquiatria e Neurologia fizeram com que a grande maioria dos internos do Hospital de Magalhães Lemos viesse fazer seis meses da valência de Neurologia no Serviço de Neurologia do Hospital de Santo António e que internos de Neurologia fizessem o tirocínio em Psiquiatria no Hospital de Magalhães Lemos.

Em 1992, uma nova lei de Saúde Mental estabelece que os até então designados Centros de Saúde Mental fossem integrados como Departamentos de Psiquiatria e Saúde Mental nos hospitais gerais. Dessa determinação, resultou que, em 1993, o Serviço de Urgência de Psiquiatria, que se realizava até então no Hospital de Magalhães Lemos, fosse integrado no Hospital de Santo António. Psiquiatras do Hospital de Magalhães Lemos passaram a integrar a Urgência do Hospital de Santo António e

mais tarde, com a implementação da Urgência Metropolitana em 2003, vieram a integrá-la também psiquiatras do Hospital de São João. A Urgência do Hospital Geral de Santo António deixou de ter Psiquiatria em 2006, quando a Urgência Metropolitana de Psiquiatria do Porto, após nova reestruturação, passou a realizar-se no Hospital de São João.

Após a legislação de 1992, os Centros de Saúde Mental em que o Hospital de Magalhães Lemos estava até então organizado, Porto Ocidental, Matosinhos e Póvoa/Vila do Conde, passaram a serviços com a mesma designação, não tendo sido integrados nos hospitais gerais correspondentes. No que respeita ao Porto Ocidental, área de referência do Hospital de Santo António, a assistência psiquiátrica mantém-se até ao presente no Hospital de Magalhães Lemos.

Destes factos sucessivos, laços pessoais e de cooperação assistencial foram-se estabelecendo entre psiquiatras e neurologistas, mas também com outras especialidades. Foram sendo reconhecidas necessidades na área da Saúde Mental e nas vantagens de se integrarem psiquiatras nas restantes equipas médicas.

Psiquiatras de Hospital de Magalhães Lemos estabeleceram colaborações nas Unidades de Paramiloidose (Alice Lopes, desde 1992), Transplantação Hepática (Alice Lopes, desde 1995) e Epilepsia (Henrique Pereira, 1992-2005). Outros colegas estabeleceram colaborações mais curtas no tempo a diversas especialidades. Fátima Magalhães prestou apoio à Endocrinologia na área da obesidade; Elias Faro, à Hematologia; Sara Mariano, à consulta de Ortopedia. A pedopsiquiatra Paula Pinto Freitas deu apoio durante longos anos à Oncologia Pediátrica. Ana Maria Moreira e Serafim de Carvalho, psiquiatras do Hospital Conde de Ferreira e posteriormente dos quadros do Hospital de Magalhães Lemos desde 2001, deram apoio à Urologia na consulta de Medicina Sexual, colaboração que a primeira manteve até 2011, os dois últimos anos em regime de prestação voluntária de serviços. Um outro grupo vindo do Hospital Conde de Ferreira, liderado por Guimarães Lopes,

vinha também realizando trabalho no Hospital de Santo António desde 1994. Essa colaboração manteve-se até 2001.

Nos anos 90, também Arantes Gonçalves e Marta Conçalves colaboraram na dor e na consulta de epilepsia, respetivamente.

Do testemunho desse tempo que solicitámos a Guimarães Lopes, queremos realçar:

INÍCIO DA PSIQUIATRIA CONSILIAR/LIGAÇÃO NO HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO:

«Fui convidado, estando na Alemanha a trabalhar na Clínica Psiquiátrica de Heidelberg, para participar em reunião na Holanda com vista à organização de um grupo europeu para coordenar as ações de Psiquiatria Consiliar/Ligação (Psiquiatria CL ou CL) e dar-lhe desenvolvimento especificamente europeu com base no que estava a acontecer nos EUA... O modo de estar era totalmente outro: o psiquiatra integrava-se na consulta médica, ombro a ombro com o médico assistente. Assim, este aprendia a importância dos acontecimentos de vida no exame psicopatológico, e o tratamento não era necessariamente medicamentoso, mas privilegiando o diálogo terapêutico com o “fármaco” da palavra dita com sentido. Constituía a Psiquiatria Consiliar (com “s”, derivada do mesmo étimo de conselho, consulta) com o paciente e o seu médico presentes. Havia uma tripla ação neste processo: diagnóstico e terapêutica, formação, investigação. Os resultados foram manifestos na diminuição da necessidade de internamentos hospitalares. [...] Do Centro de Saúde passamos para o Hospital de Santo António, não sem resistências, pelo infundado receio de psiquiatrização da Medicina e pela ideia de desordem nas enfermarias pela entrada de doente mental agitado. Quando falávamos da nova abordagem em Medicina Psicossomática, já para não entrarmos pelos benefícios da Medicina Antropológica, e ao assegurar-se que o chamado “doente mental” agitado era tratado no Hospital Conde

de Ferreira, a desconfiança diminuía mas mantinha-se na passividade da adesão.

O contacto com o Hospital Geral de Santo António deveu-se a problema de Saúde Pública relacionado com o alcoolismo, em que intervieram médicas de Saúde Pública, na ocasião em estágio formativo no Centro de Saúde da Batalha. Os doentes alcoólicos crónicos eram observados no Centro de Saúde, os mais graves, internados no Hospital Conde de Ferreira ou internados no Serviço de Gastrenterologia do Hospital Geral de Santo António... Mas o diretor não via com bons olhos a Psiquiatria no “seu” hospital. Então houve mudança de diretor (Dr. Luís de Carvalho). E com a sua anuência – pois bem nos conhecia desde os tempos da faculdade e das intervenções na Ordem dos Médicos quando as especialidades de Neurologia e Psiquiatria estavam juntas – entrámos de facto no corpo clínico do Hospital. A única condição que nos pôs foi a de não poder abrir um Serviço de Psiquiatria por limitação de verbas. Também alguns diretores de Serviço (entre eles o de Medicina Interna e de Cirurgia) deram o seu aval e o ingresso regular de um psiquiatra nas enfermarias do hospital foi sendo progressivamente aceite. Nas reuniões de Serviço pudemos exercer a Psiquiatria de Ligação – em que não estava presente o doente, mas eram dadas indicações sobre o seu modo de ser e dos obstáculos psicológicos na sua vida dificultando a cura.»

Esta necessidade da integração de cuidados psiquiátricos e psicológicos no tratamento dos doentes do Hospital de Santo António, que foi sendo cada vez mais evidente, traduziu-se também pela integração em diversos serviços médicos e cirúrgicos de profissionais da Psicologia, que por vezes iniciavam a sua colaboração realizando estágios escolares, prolongando depois de forma voluntária a sua prestação nos serviços. Na Maternidade de Júlio Dinis, ainda antes da sua integração no CHP, a psicóloga Mónica Fernandes foi contratada em março de 1997, iniciando nessa instituição a inclusão da Psicologia na prestação de cuidados assistenciais.

SERVIÇO DE PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL DO CHP

Para uma melhor compreensão, apresentamos no quadro seguinte a constituição atual do Serviço de Psiquiatria do CHP e a sua organização. O Serviço está integrado no Departamento de Neurociências.

ORGANIGRAMA DO SERVIÇO DE PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL



Esquema organizativo do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental do CHP – 2016.

Os atuais recursos humanos são constituídos por oito psiquiatras, um pedopsiquiatra (em regime de prestação de serviços), nove psicólogas, quatro enfermeiros e duas assistentes administrativas. O Serviço está organizado em três unidades funcionais (Unidade de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde, Unidade de Psiquiatria Comunitária e Unidade de Psicologia). Vários elementos pertencem simultaneamente a duas unidades. Este facto prende-se com o esforço organizativo que tem sido feito para a prossecução de um permanente trabalho multidisciplinar entre os vários grupos socioprofissionais que compõem os seus recursos humanos.

É da história deste Serviço que nos ocuparemos de seguida.

DA UNIDADE DE PSIQUIATRIA DE LIGAÇÃO E PSICOLOGIA DA SAÚDE...

Resultante da convergência dos factos anteriormente descritos, podemos dizer que tinha sido evidenciada no Hospital Geral de Santo António a necessidade de apoio psiquiátrico à atividade assistencial hospitalar. Mas não sendo ainda mais do que isso, é, porém, nesta circunstância que se iniciam as bases para a posterior criação de um Serviço de Psiquiatria nesta instituição.

Em 2001, com o apoio da administração do Hospital de Magalhães Lemos e do seu presidente do Conselho de Administração, o psiquiatra António Leuschner, também professor no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, sendo diretor do Serviço de Ambulatório do Hospital de Magalhães Lemos, Eurico Figueiredo, professor catedrático do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, foi realizado um protocolo com a Administração do Hospital Geral de Santo António, de que era presidente Vítor Ribeiro, para a criação neste hospital de uma Unidade de Psiquiatria de Ligação, cujos recursos humanos eram cedidos pelo hospital psiquiátrico. Em março desse ano, a Unidade de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde foi formalmente apresentada em sessão pública realizada no Salão Nobre do Hospital Geral de Santo António. A Unidade entrou em atividade em junho desse ano.

Foi desde o seu início uma Unidade vocacionada para o atendimento das complicações psiquiátricas e psicológicas dos doentes internados e em consulta externa no Hospital Geral de Santo António. Os profissionais que integraram este grupo inicial foram os psiquiatras Alice Lopes, responsável da Unidade, Sara Moreira e António Correia, bem como a psicóloga clínica Sónia Gonçalves e Vítor Coutinho, enfermeiro especialista de Saúde Mental, que nesta fase inicial continuavam vinculados ao Hospital de Magalhães Lemos, bem como Paula Pinto de Freitas, pedopsiquiatra e docente no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.



Nesse ano, foi feita uma visita ao Hospital Amadora/Sintra, onde existia em funcionamento uma Unidade com os mesmos fins, e posteriormente Alice Lopes e Sara Moreira deslocaram-se a Manchester, onde, no Manchester Royal Infirmary, fizeram um curso de Psiquiatria de Ligação organizado pelo Prof. Francis Creed, personalidade reconhecida nesta área de conhecimento e prática da Psiquiatria.

Em outubro desse ano, a Unidade ainda não tinha instalações próprias, e foi preciso organizar o trabalho desde logo, neste contexto difícil, de forma a que se iniciasse o trabalho assistencial. Foram estabelecidas «Regras de Funcionamento da Unidade de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde do Hospital Geral de Santo António», que foram dadas a conhecer a todo o hospital. O trabalho foi estruturado nas duas áreas fundamentais: consulta no internamento e consulta externa. Foi realizada uma «folha de pedido» à Unidade, que foi distribuída por todos os Serviços do hospital e Consulta Externa, mediante a qual eram feitas as solicitações.



Nessa folha de pedido, eram já propostas, mediante respostas simples, a proveniência do mesmo, a justificação e o que se pretendia. Esta folha-tipo foi publicada no Boletim do Hospital. Ao longo do tempo, o conteúdo do pedido foi evoluindo e ajustado a uma melhor informação.

Com o processo de informatização do hospital, o pedido ao Internamento foi integrado no processo clínico eletrónico, encontrando-se também em fase de trabalho a integração do mesmo para os pedidos provenientes do Ambulatório. Esta metodologia permitiu manter a informação e estatística do Serviço, adequando a organização do mesmo e as respostas a privilegiar.

Em janeiro de 2002, a Unidade passou a estar sediada em instalações provisórias (duas salas do antigo Serviço de Internamento de Urologia que, entretanto, fora instalado no novo edifício Luís de Carvalho) e passou a contar com um secretário, Alberto Gonçalves.

Com o apoio do então diretor clínico, Sollari Allegro, foi possível estabelecer regras e acordos de funcionamento com os Serviços e com o

Hospital de Magalhães Lemos para a estruturação e moldes das respostas e também para a colaboração dos psiquiatras daquela instituição que continuavam a fazer urgência no Hospital Geral de Santo António, por exemplo aos fins de semana e durante a noite.

Foram feitas reuniões de apresentação da Unidade e dos profissionais que a constituíam. Estabeleceram-se contactos com os responsáveis e administradores da Consulta Externa para formalização e integração das atividades da Unidade nas estruturas organizacionais do Hospital Geral de Santo António.

Em março daquele ano (2002), foram estabelecidos em memorando os objetivos da Unidade, tendo as atividades assistenciais sido estabelecidas como prioridade na consulta aos doentes internados, na Consulta Externa, no apoio integrado em equipas multidisciplinares a serviços específicos e em atividades de consultadoria.

Durante os anos que se seguiram, outros profissionais colaboraram na Unidade, tendo permanecido durante algum tempo.

Em julho de 2004, as instalações próprias da Unidade foram inauguradas num espaço recuperado no piso 4 do edifício neoclássico.

Em 2005, o Hospital Geral de Santo António contratou duas psicólogas para a Unidade, Margarida Branco e Inês Carvalho Frade, que vinham prestando colaboração voluntária desde 2002, e em finais 2007 foi contratada uma psiquiatra, Palmira Coya. Estas foram as primeiras contratações de profissionais desta área nesta secular instituição.

Em 2008, havia, pois, uma primeira estabilização dos recursos humanos contratados, que se manteve até agora, vindo a ter reforços posteriores. Constituía esta equipa as psiquiatras Alice Lopes (diretora de Serviço), Sara Moreira e Palmira Coya, a pedopsiquiatra Paula Pinto Freitas, as psicólogas Margarida Branco e Inês Carvalho, o enfermeiro de Saúde Mental Jorge Pereira e o secretário Alberto Gonçalves. Com a formação do Centro Hospitalar do Porto, a equipa viria a integrar posteriormente



as duas psicólogas da Maternidade de Júlio Dinis (Mónica Gonçalves e Himali Bachu), criando-se naquela maternidade uma Unidade de Apoio Psicossocial.

Em 2013, Olga Brites ocupou o lugar deixado vago por Himali Bachu, e em 2015 a psicóloga Sara Viveiros veio reforçar os quadros da Unidade de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde.

Além da consulta aos doentes internados, várias áreas de intervenção específica foram-se estruturando na psico-oncologia, transplantação, dor, cuidados paliativos, cardiologia, paramiloidose, doenças autoimunes, esclerose múltipla, epilepsia, cirurgia de estimulação profunda de doença de Parkinson, procriação medicamente assistida, IGO, neonatologia, diagnóstico pré-natal, doenças do pavimento pélvico, cirurgia da obesidade. Nestas áreas, psiquiatras e psicólogas participam regularmente com as equipas em regime de consultadoria. O apoio às mesmas equipas, em circunstâncias particulares, é também uma parte integrante desta participação.

A Unidade coordena desde 2003 uma consulta de Cessação Tabágica, multidisciplinar, que integra uma psiquiatra, uma psicóloga, um enfermeiro especialista de Saúde Mental e uma médica especialista de Medicina Interna, Elga Freire. A esta equipa juntaram-se, vindas do Hospital Joaquim Urbano, onde existia uma consulta semelhante, uma pneumologista e duas enfermeiras. A consulta, dirigida aos doentes e funcionários do CHP, tem como responsável a psicóloga Inês Carvalho.

A Unidade de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde, de que é atualmente responsável a psiquiatra Sara Moreira, tem prosseguido, desde a sua criação, padrões de exigência de qualidade assistencial e de ensino que têm suscitado o interesse e procura de vários jovens em formação, de diferentes hospitais do país, que aqui têm vindo realizar a valência de Psiquiatria de Ligação.

A Unidade funcionou como única valência do Serviço até 2011. Durante quase 10 anos pôde naturalmente «especializar-se», por assim

dizer, e estar provida de recursos humanos que, sendo sempre escassos para o enorme trabalho a realizar com os doentes de um hospital geral altamente diferenciado, nos posicionavam, ainda assim, de modo privilegiado, para prestar um serviço altamente qualificado.

... AO SERVIÇO DE PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL DO CHP: A UNIDADE DE PSIQUIATRIA COMUNITÁRIA (GONDOMAR)

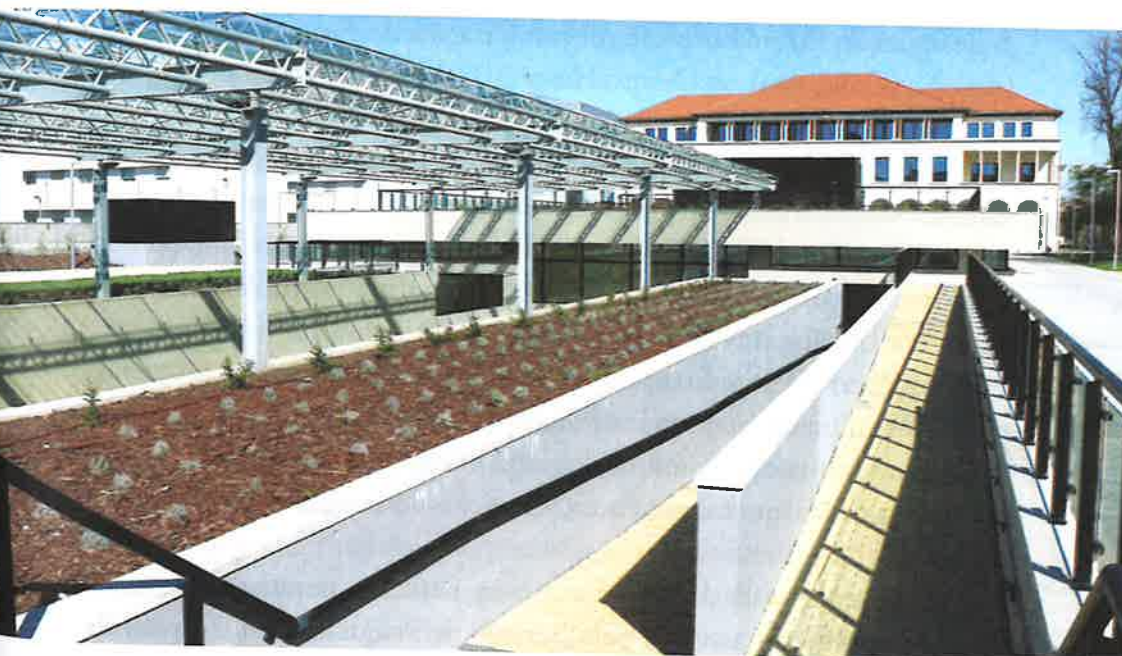
Em 2006, sendo Sollari Allegro presidente do Conselho de Administração, foi-nos pedida uma proposta para criação de um serviço que estruturasse respostas assistenciais a doentes psiquiátricos de âmbito geral.

Esta primeira proposta que fizemos continha a criação de um Ambulatório, Áreas de Dia e Internamento, explicitando os recursos necessários e prevendo como área assistencial as freguesias do Porto Ocidental, que era então a área de referência do CHP e que continuava a pertencer ao Hospital de Magalhães Lemos para a Psiquiatria. A proposta assentava já no modelo comunitário de intervenção em que se privilegiavam os serviços de proximidade.

O Serviço de Psiquiatria foi criado em 2008, tendo então como única unidade a de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde.

No mesmo ano, a Coordenação Nacional para a Saúde Mental publicou para implementação o Plano Nacional de Saúde Mental 2007-2016. Este previa a passagem dos Serviços de Psiquiatria dos hospitais psiquiátricos para os hospitais gerais, a criação de Serviços Locais de Saúde Mental, a ligação dos Cuidados de Saúde Mental aos Cuidados Primários de Saúde e a sua integração na comunidade. Salientava também os cuidados ao doente mental grave como prioridade assistencial.

Para implementação do Plano Nacional de Saúde Mental, o Alto Comissariado para a Saúde abriu concurso para financiamento de «Projetos Inovadores em Saúde Mental», a que nos candidatámos.





A designação do nosso projeto era «Criação do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental no Centro Hospitalar do Porto/Hospital de Santo António: Tratar na Comunidade». Propunha-se a criação de duas Unidades de Saúde Mental Comunitárias que integrassem programas para doentes mentais graves e promovessem programas de ligação aos Cuidados Primários de Saúde. A candidatura foi aprovada em 2008, tendo obtido metade do orçamento proposto para a sua implementação. A sua realização estava prevista para 2009-2011.

Aconteceu que, em finais de 2009, as áreas de referência assistenciais do CHP se alteraram, e esta instituição passou a ser também responsável pelo Agrupamento de Centros de Saúde de Gondomar. Esta alteração viria a ser fundamental para a estruturação do novo Serviço tal como existe hoje.

Do ponto de vista da assistência psiquiátrica, a população de Gondomar deixa de ser assistida pelo Serviço de Psiquiatria do Hospital de



Valongo, que era agora integrado no Hospital de São João. Sendo assim, era preciso garantir que o CHP estaria capaz de responder às exigências de prestar assistência psiquiátrica àquelas populações. Esta tornava-se uma prioridade, pelo que a organização da Unidade de Psiquiatria Comunitária de Gondomar se iniciou. Assim, o financiamento conseguido para o projeto «Criação do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental no Centro Hospitalar do Porto/Hospital de Santo António: Tratar na Comunidade» foi aí investido.

Tendo em conta o número de habitantes do concelho de Gondomar (cerca de 170 mil), e tendo também em conta que nos iríamos ocupar inicialmente só do Ambulatório, propusemo-nos constituir duas equipas compostas pelo mínimo de recursos humanos admissíveis: quatro psiquiatras, dois enfermeiros, dois psicólogos, um assistente administrativo. Contávamos com a colaboração do Serviço Social do próprio Agrupamento de Centros de Saúde.

Na parte final de 2009 e durante o ano de 2010, e com o apoio do Conselho de Administração do CHP, foram-se estruturando as bases para a formação da Unidade de Psiquiatria Comunitária de Gondomar. Foi primeiro necessário decidir de que forma era possível concretizar a saída do CHP e, de acordo com o projeto, estruturar a consulta na comunidade junto dos Cuidados de Saúde Primários. Aconteceu que, desde a alteração das áreas de referência, uma parceria muito eficaz vinha sendo construída entre as duas instituições para facilitar os contactos entre o hospital e os Cuidados de Saúde Primários, melhorar a comunicação e, assim, os cuidados de saúde prestados aos utentes. O presidente do Agrupamento de Centros de Saúde de Gondomar, Carlos Nunes, estava especialmente preocupado com o atendimento aos doentes psiquiátricos, que era então escasso, com tempos de espera muito prolongados. A sua sensibilidade para esta questão fez com que da sua parte tivéssemos



Viatura da Unidade Comunitária de Gondomar.

obtido uma enorme compreensão e colaboração, de tal forma, que foi encontrado no Centro de Saúde de Gondomar, e posto à disposição da Psiquiatria, o espaço onde viriam a ficar sediadas as instalações da Unidade de Psiquiatria Comunitária. O Agrupamento de Centros de Saúde fez as obras e o CHP dotou o espaço de recursos materiais e humanos.

Este espaço, ao mesmo tempo do CHP e também extra-hospitalar e pertença dos Cuidados Primários de Saúde, exigiu desde o princípio a colaboração estreita entre as duas instituições. Alguns serviços de apoio são-nos prestados pelo Agrupamento de Centros de Saúde e são partilhados vários meios (informáticos, administrativos...). Tal colaboração tem-se mostrado eficiente, pelo menos até agora, ao fim de cinco anos. Poder-se-ia afirmar que esta foi sem dúvida uma feliz convergência entre boas vontades, sentido de oportunidade e desejo de realizar algo que beneficiaria os doentes.

Durante o ano de 2010 e início de 2011, fizeram-se as contratações quer de psiquiatras, quer de psicólogos e foram alocados os enfermeiros que viriam a constituir o núcleo inicial da Unidade. Deste modo, foram contratados os psiquiatras Ana Sofia Pinto, Alexandra Alves e José Rodriguez e as psicólogas Ana Rita Valbom e Raquel Oliveira. Já no ano seguinte, juntar-se-ia a psiquiatra Silvina Fontes. O enfermeiro Jorge Pereira, pertencente aos quadros do Hospital de Magalhães Lemos, e a enfermeira Dalila Esteves, dos quadros do CHP, pertencem também a este núcleo inicial.

Não podemos deixar de relevar o apoio que o Serviço teve da Direção de Enfermagem, que, sensível às necessidades e importância que estes profissionais têm na organização e prestação de cuidados aos doentes psiquiátricos, acabaria por dotar a Unidade de mais dois profissionais, as enfermeiras Anabela Faria e Susana Alves.

A partir de 2015, duas novas psicólogas, Ana Sofia Cruz e Marta Pinheiro, e uma psiquiatra, Abigail Ribeiro, vieram juntar-se aos quadros do Serviço que prestam apoio à Unidade de Gondomar.

Tendo sido encontrados o local e recursos iniciais, foi em maio de 2011 que a Unidade de Psiquiatria Comunitária começou a atender os primeiros pacientes.

Não tendo sido o Serviço dotado, até à data, de outras estruturas fundamentais e que se aguardam, nomeadamente Internamento e áreas próprias de Centro de Dia, foi preciso encontrar parcerias e meios que suprissem essas faltas.



Sala de espera do Centro de Saúde de S. Cosme – Gondomar.

O internamento dos doentes é feito no Hospital de Magalhães Lemos, e para que seja garantida a continuidade de cuidados, um enfermeiro e uma psiquiatra deslocam-se semanalmente àquela instituição. O *e-mail* da Unidade é também meio de comunicação através do qual as cartas de alta e outras informações clínicas são trocadas.

No Hospital de Magalhães Lemos, na comunidade e no próprio Serviço têm sido encontrados meios para suprir a falta de áreas de dia (pelo menos parcialmente). Instituições da comunidade têm sido parceiras, mais ou menos formais, para integração de doentes mais graves em atividades de reabilitação. No Hospital de Dia e Serviço de Reabilitação do Hospital de Magalhães Lemos, têm sido integrados também alguns dos nossos pacientes, sendo, neste caso, a questão da acessibilidade um problema que é muitas vezes inultrapassável. As distâncias entre algumas zonas do concelho de Gondomar e o Hospital de Magalhães Lemos, situado no lado oposto da cidade do Porto, tornam-se intransponíveis, ainda mais quando os doentes estão em situações de precariedade social e não têm meios próprios de deslocação.

De forma criativa, no local da Unidade, em espaços do centro de saúde que nos são disponibilizados, têm sido levadas a cabo ações terapêuticas grupais, de âmbito reabilitativo, psicoeducacional e psicoterapêutico, dirigidas a doentes mentais graves ou com problemáticas específicas. Esta constitui também uma forma de abordar aquela problemática, que, sendo de facto criativa, não deixa de ser só uma parte da solução.

Os doentes mentais graves constituem uma prioridade do Serviço. A consulta domiciliária e a disponibilização de medicação depot é uma tarefa fundamental que tem sido levada a cabo principalmente pelos enfermeiros. A reabilitação necessária, para a qual não dispomos de estruturas, vai sendo compensada nas parcerias entretanto encontradas com instituições sediadas na comunidade. Alguns dos profissionais do Serviço fizeram a formação em Cuidados Integrados de Reabilitação, o que constitui uma mais-valia no tratamento dos doentes mentais graves. No entanto, tais cuidados exigem recursos de que não dispomos. Mas que esperamos ter!

A ligação aos médicos de Medicina Geral e Familiar é feita de modo continuado, principalmente pela realização de reuniões regulares de consultadoria, nas quais um psiquiatra, uma psicóloga e um enfermeiro

se encontram com os colegas das Unidades de Saúde Familiar para avaliação de casos clínicos e outras ações de formação e parceria.

A falta de meios e a distância ao nosso hospital central obriga-nos, assim, a uma procura permanente para encontrar e estabelecer parcerias e sinergias na comunidade, trabalho que está longe de estar acabado. A parceria com a autarquia é sem dúvida muito importante, e alguns passos têm sido dados nesse sentido.

O Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental do CHP existe e desenvolve a sua atividade em três espaços distintos: o Hospital Geral de Santo António, o Centro Materno-Infantil do Norte e o Centro de Saúde de Gondomar. Sendo assim, é tarefa fundamental fazer com que os vários profissionais se sintam parte de uma só estrutura, estimulados por isso e compreendendo a missão do Serviço como única, embora envolvendo tarefas distintas, por vezes sobreponíveis, outras vezes envolvendo os mesmos utentes. Para isso, as reuniões semanais em que todo o Serviço está envolvido são muito importantes. Nelas são apresentados e discutidos problemas organizacionais e casos clínicos, gerais ou respeitantes a cada uma das unidades, e em que todos são chamados a participar. São também reuniões de formação partilhada entre todos os profissionais. São realizadas habitualmente no Hospital Geral de Santo António, instituição representativa do CHP, unificadora, mas também por vezes no Centro de Saúde de Gondomar. Assim se facilita, julgamos, o conhecimento das realidades que os vários profissionais vivenciam no seu dia a dia. Apesar de esta organização se demonstrar por vezes adversa, sem dúvida que o enorme profissionalismo, entusiasmo e criatividade dos seus profissionais constituem o capital necessário para que os objetivos do Serviço, de melhorar sempre os cuidados aos nossos doentes, sejam prosseguidos.

Além das finalidades assistenciais, o Serviço teve desde o seu início o objetivo de desenvolver atividades de formação, no ensino pré e pós-graduado, bem como aos profissionais do CHP e médicos de Medicina

Geral e Familiar. A colaboração com o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar começou desde 2003 nas disciplinas de Psicologia Médica, Saúde Mental e na orientação de teses de mestrado e tem continuado.



1 **Encontro**
de Psiquiatria de Ligação
e Psicologia da Saúde
do Centro Hospitalar do Porto, Hospital do Santo António
Ampliado Professor Alexandre Moreira do Centro Hospitalar do Porto

"A Depressão na Pessoa Doente: Contextos Hospitalar e Cuidados Primários"

Comissão Organizadora

Alice Lopes
Sara Moreira
Paula Freitas
Margarida Branco
Inês Carvalho
Jorge Pereira
Palmira Coya

15 e 16
MAIO

Secretariação: Unidade de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde Centro Hospitalar do Porto, Hospital do Santo António
Largo Prof. Abel Salazar 4099-001 Porto • Tel: 22 207 7500 Ext:1262 • uplps.hgra@gmail.com • www.hgra.pt



Cartaz do «1.º Encontro de Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde», do Centro Hospitalar do Porto.

Não tendo até agora capacidade formativa total, o Serviço tem recebido inúmeras solicitações de internos de Psiquiatria para realização das valências de Psiquiatria de Ligação e, recentemente, de Psiquiatria Comunitária. De igual modo, desde há mais de 10 anos que são recebidos no Serviço jovens internos de Medicina Geral e Familiar que aqui fazem a valência de Saúde Mental.

Na área da Psicologia, o Serviço tem desenvolvido regularmente orientações de estágios pré-escolares (protocolos com a UTAD, ISMAE, Universidade Fernando Pessoa, etc...). Até há dois anos foram orientados estágios profissionais e à Ordem dos Psicólogos.

Os profissionais do Serviço têm desenvolvido trabalho na área de investigação clínica, e foram publicados trabalhos em revistas nacionais e estrangeiras. Têm sido apresentados inúmeros trabalhos em reuniões científicas, nacionais e estrangeiras.



A equipa do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental do Centro Hospitalar do Porto.

Como Serviço do século XXI, esperamos que ele venha a protagonizar, juntamente com todos os outros Serviços de Psiquiatria no país, um verdadeiro avanço nos cuidados aos doentes psiquiátricos, o que só poderá ser atingido quando à Saúde Mental forem dados os meios de que necessita, mas também quando o estigma da loucura for verdadeiramente erradicado. Ele continua na sociedade e também nos profissionais de saúde. E até nos profissionais de Saúde Mental, quando continuamos a descrever da capacidade que os nossos pacientes têm para a autonomia possível e continuamos a encerrá-los sem sequer lhes dar os cuidados reabilitativos a que têm direito para mudar as suas vidas, tal como os doentes médicos têm direito às tecnologias e fármacos de investigação mais recente. Claro que a viabilização destes cuidados (reabilitação neuropsicológica, reabilitação psicossocial, fóruns sócio-ocupacionais, residências protegidas, tratamentos psicoterapêuticos estruturados) exige dotação de recursos que só serão disponibilizados quando a importância desta questão for reconhecida, de facto, pelos agentes políticos e pelos responsáveis das instituições de saúde.

BIBLIOGRAFIA

- Carvalho, L. (2006). «O Hospital», in *Arquivos do HGSA*, vol. 1, n.º 3. Porto: Arquivos do HGSA.
- Carvalho, L. (2008). *Contributos para a história do Hospital Geral de Santo António*. Porto: Modo de Ler.
- Lemos, M. (1925). *A Psiquiatria e a Neurologia no Pôrto: História e Estado Actual do seu Ensino*. Porto: Empresa Industrial Gráfica.
- Pereira, A. L. (1986). A institucionalização da loucura em Portugal, in *Revista Critica de Ciências Sociais*, 85-100.
- Senna, A. M. (1887). *Relatório do serviço Médico e Administrativo do Hospital do Conde de Ferreira: 1883-1885*. Porto: Typographia Occidental.
- Regulamento do Hospital Real de Santo António, 1858.*

- Regulamento do Hospital Real de Santo António*, 1863.
- Regulamento do Hospital Real de Santo António*, 1893.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia*. Porto: SCMP, 1839-40.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia*. Porto: SCMP, 1873-74, pp. 42-43.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia*. Porto: SCMP, 1879-80, pp. 73-75.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia*. Porto: SCMP, 1946.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia*. Porto: SCMP, 1947.
- Boletim dos Hospitais da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Palestras Médicas Realizadas no Hospital Geral de Santo António. Série I, n.º 1, Dez. 1940, pp. 120-124.
- Boletim de Tisiologia do Sanatório-Hospital «Rodrigues Semide»* (1937 e 1938). Porto: Tip. do Hospital do Conde de Ferreira.
- Plano Nacional de Saúde Mental 2007-2016, Direcção Geral de Saúde.